

# 4.3

“Uma volta no mundo”

Bartolomeu Santos

## RESUMO

A presente narrativa busca pincelar partes da trajetória de Quitéria Binga, uma liderança indígena sertaneja que pelejou durante grande parte de sua vida pelo reconhecimento étnico e das terras de seu povo Pankararu no sertão pernambucano. Ao longo de sua caminhada política às capitais brasileiras – tarefa iniciada por seus representantes ancestrais – demarcou a presença indígena sertaneja em diferentes cenários, nacional e internacional, ao denunciar os conflitos fundiários em áreas demarcadas. No final de sua jornada semeou sua vontade e devoção nos jovens indígenas para que sigam erguendo e sustentando a tradição pankararu.

## PALAVRAS-CHAVE

Mulher indígena  
Tronco familiar  
Política  
Narrativas



# N

o ano de 1939<sup>1</sup> nasceu Quitéria Maria de Jesus, conhecida como Quitéria Binga ou Quitéria Pankararu, filha de Cecília Tiú e Joaquim Binga. Desde criança foi criada por seu tio paterno Antônio Binga e sua esposa Maria Jovina, na aldeia Saco dos Barros, Terra Indígena Pankararu, município de Jatobá (PE), local onde viveu e criou seus filhos, netos e bisnetos. Mudou de mundo (faleceu) no ano de 2009, aos 70 anos de idade, segundo os registros civis.

Durante sua infância, assim como aqueles indígenas que viveram num tempo de difícil produtividade causado por longos períodos de estiagens, teve que se moldar à condição imposta pelo sertão, embora a falta de chuva não tenha sido o único problema para aquela indígena e seu povo sertanejo que compartilhavam a mesma sina, pois, como relataram os mais velhos, a situação naquela região só se agravava; de um lado, a seca prolongada que os castigava, de outro, as construções de empreendimentos, a formação de novos povoados e as perseguições dificultavam a circulação e o acesso dos indígenas ao rio São Francisco.<sup>2</sup> Devido às novas conformações nos locais daquela região, algumas demandas básicas que atendiam aos indígenas, tais como

1 No trabalho etnográfico de M. Cruz (2010), Quitéria Binga tem a informação de seu nascimento no ano de 1928. Se considerarmos aquele ano como de seu nascimento, somar-se-iam mais de 81 anos de idade vividos. As variações de datas entre os indígenas eram recorrentes, principalmente entre aqueles de idade avançada, pois muitos não sabiam dizer o dia exato de seu nascimento ou de seus integrantes familiares. Suas referências temporais eram marcadas por fatos, acontecimentos importantes que apontavam o dia, o mês e o ano de seus nascimentos. A partir das ações de missionários e, mais tarde, na década de 1940, com a instalação do Posto Indígena, os registros feitos pelas administrações católica e indigenista trouxeram informações mais detalhadas quanto às datas, embora os responsáveis por aqueles que nasciam em suas casas (por parto normal) nem sempre procurassem uma unidade administrativa para registrar tal ocorrência, além do fato de que eram poucos indígenas que retiravam a documentação civil. A preocupação pela documentação civil se deu quando muitos iniciaram suas viagens para outras regiões brasileiras e/ou para acessar algumas políticas públicas.

2 Existe uma narrativa mitológica que conta que havia uma Cachoeira Sagrada que os indígenas pankararu frequentavam para realizar suas atividades de pesca e rituais. As práticas foram impedidas com a construção da Hidroelétrica de Itaparica e com a formação de novos vilarejos, resultando afrontas às populações autóctones.

a caça, a pesca e o tempo de resguardo espiritual em meio à mata, muitas delas foram extintas.

No entanto, mesmo com o aumento dos problemas fundiários que se amontoavam naquelas cercanias, sobretudo na primeira metade do século XX, as famílias do Aldeamento Indígena Pankararu priorizaram e sustentaram suas atividades rituais numa memória coletiva, memória esta que se intensificou numa relação entre grupos indígenas, missionários e sertanejos que compartilhavam experiências semelhantes, em sua maioria contra a implementação de atividades coloniais e com a mesma motivação contra a expansão/integração nacionalista daqueles que cobiçavam suas terras.

Ao longo das gerações a memória coletiva pankararu foi cultivada por grupos familiares específicos, denominados como *Tronco* familiar. Cada *Tronco* familiar sustentou e manteve suas técnicas<sup>3</sup> e narrativas ancestrais através das atividades rituais, especialmente a dança de *Praia* e o *Toré*<sup>4</sup> praticados por seus descendentes diretos.

Quitéria Binga desde menina seguiu a memória coletiva pankararu, particularmente aquela zelada por seu *Tronco* familiar, envolvendo-se nas tradições católicas e rituais. Ao realizar e participar de diversas viagens rituais, acompanhou paulatinamente as proclamações entre as aldeias de Pankararu e em outros estados do Nordeste, tomando para si experiências dos “lugares de memórias” (NORA, 1993). Como seus antecessores, acreditou piamente naqueles que os *governavam* – *A Força Encantada*, Deus e os santos carismáticos, entre eles, o padroeiro da aldeia Brejo dos Padres,

3 Muitas das técnicas são aplicadas na produção de objetos com palha de *licuri* ou de bananeira. Os objetos de palha são utilizados como acessórios do dia a dia e na vestimenta para as festas rituais, por exemplo, o chapéu de palha do *Menino do Rancho*. Já as peças feitas de olaria – os tachos (pratos) – são para servir o *de-comer* nas festas rituais e no uso diário.

4 *Praia* é a representação e a apresentação dos *Encantados*, entidades sobrenaturais de Pankararu. *Toré* é a dança-ritual que abarca todos os participantes.

Santo Antônio, padre Cícero, Frei Damião e Madrinha Dodô – e zelou por eles.

Ainda em seu período de infância, confeccionou peças em olaria, tais como potes, mingos, pratos (tachos),<sup>5</sup> e com a palha e *licurí* produziu vassouras, abanos, tapetes, entre outros objetos, algumas delas para o uso próprio, outras para os rituais e as demais para a venda. Com o dinheiro recebido pelas peças comercializadas nos municípios vizinhos ajudou sua família nas despesas principais da casa. Seu apego ao mundo cosmológico pankararu se deu durante o manejo daquelas confecções artesanais ao ouvir rezas, *Toantes*<sup>6</sup> e as narrativas indígenas de seus familiares.

Era costume que os mais velhos, quando lhes era permitido, *puxassem* alguns *Toantes*, rezas ou narrassem diversas histórias de seu tempo – enquanto manuseavam a fibra de *licurí*, de bananeira, na modelagem do barro, ou nas roças para atrair boas energias e passar suas técnicas e narrativas aos integrantes de sua família, ou a alguém próximo. Aqueles encontros foram uma grande oportunidade para a jovem Quitéria Binga, pois, à medida que produzia seus objetos, ouvia e observava os especialistas rituais que iniciaram as peregrinações políticas. Nos momentos de sentar-se junto ou de acompanhar os mais velhos é que os jovens indígenas começam a tomar conhecimento da *ciência*, dos rituais e dos acontecimentos que envolvem a comunidade e suas extensões.

Quitéria Binga participou dos rituais da comunidade e, sobretudo, dos deveres de seu *Tronco* familiar. No entanto, foi em sua juventude que se envolveu profundamente nas atividades rituais, nas questões políticas relacionadas a terra e no reconhecimento étnico de seu povo. Por desempenhar habilidades sobrenaturais e ocupar uma posição de prestígio nos rituais, integrou-se ao *Conselho Tribal*,<sup>7</sup> que foi formado para dar

5 Segundo as informações disponibilizadas por Renata Curcio Valente, existem 55 itens, entre cerâmica, objetos rituais, mágicos e lúdicos, trançados, utensílios e implementos de materiais ecléticos (todos de palha de ouricuri). Entre esses materiais há dois documentos textuais e um documento audiovisual produzidos durante a gestão de Cláudia Menezes como diretora do Museu do Índio, na cidade Rio de Janeiro, levados na década de 1980. As coleções estão registradas em: 86.1; 87.4 e 87.11.

6 Para maiores detalhes sobre *Toantes*, ver M. W. C. Cunha “A música encantada Pankararu” (1999).

7 O Conselho Tribal pankararu é um grupo integrado apenas por Zeladores de Praiá, que são especialistas rituais (geralmente são representantes de seu *Tronco* familiar) e de grande prestígio social na comunidade. Atuam especialmente com cacique, pajé e capitão nas

suporte aos primeiros representantes indígenas nos assuntos comunitários em suas peregrinações políticas nas capitais brasileiras. As primeiras peregrinações das lideranças indígenas, como representantes dos Pankararu, aos órgãos indigenistas se iniciaram em meados da década de 1940, tendo como principal objetivo retomar e manter seus “arranjos territoriais” numa tentativa de *desentrosar* os sertanejos (conhecidos como *linheiros*) que se mantiveram nas terras indígenas, mesmo após os processos administrativos de reconhecimento e registro da área indígena nas décadas de 1930-40 (ARRUTI, 1996).

Segundo algumas lideranças do *Conselho Tribal*, o interesse da jovem Quitéria pelas questões políticas despertou no final da década de 1960 ao acompanhar membros de seu *tronco* familiar, mas foi na década seguinte que se dedicou às atividades. Juntou-se aos demais representantes de *Troncos* familiares para dar continuidade ao movimento indígena (as caminhadas políticas), na luta pela terra e reconhecimento étnico. Seu primeiro florescimento como representante indígena pankararu se deu no final da década de 1970, período em que encabeçou viagens para as capitais e sustentou parte das atividades rituais de seu *Tronco* familiar – uma tarefa exercida por poucos. Já no final dos anos de 1980, houve a ascensão de sua figura política durante a Constituição Federal (CF), momento em que lutou ao lado de outras lideranças indígenas reconhecidas nacionalmente.

Segundo os Pankararu, foi Quitéria Binga que tomou a iniciativa e puxou os demais parentes indígenas rumo ao Congresso Nacional, rompendo a barreira policial e adentrando para que se assegurassem os direitos dos povos indígenas como rezam os artigos 231 e 232 da Constituição Federal. Porém, até o momento, não há registros, tais como imagens, vídeos ou áudios que demonstrem sua atuação naquela ocasião em particular.

Depois de sua participação na Constituinte, ganhou forte projeção nacional, tornando-se referência e conselheira de instituições indigenistas que desenvolviam projetos com os povos indígenas. Por seu protagonismo foi convidada a participar de vários programas para falar sobre o movimento indígena no Brasil e no exterior. Aquelas oportunidades abriram espaços para

questões políticas ou nos rituais da comunidade.

uma mulher indígena sertaneja debater sobre as diversas questões que afrontam os povos indígenas.

Na década de 1990, após realizar dezenas de viagens à diretoria regional da Funai em Recife e outras para a sede do órgão indigenista em Brasília, junto aos jovens indígenas, Quitéria Binga conseguiu levar alguns projetos para sua comunidade. Dois projetos em especial ganharam destaque na pauta ao se discutirem saúde e educação especializadas, isto é, diferenciadas, para a população indígena de sua região. Os projetos implantados foram uma Casa de Parto e uma Creche. A Casa de Parto ficou conhecida como Maternidade. Ao longo de seu funcionamento esta casa contou com diferentes parcerias com projetos ligados à saúde, como as ONGs Curumim e Saúde Sem Limites (SSL), ofertando cursos e auxiliando as parteiras locais (GIBERTI, 2013). Já a *veia* Quitéria, mesmo sendo uma *mulher que pega menino* (parteira), não atuou na Maternidade. A Creche (atualmente Escola Estadual Quitéria Binga, com ensino diferenciado desde sua fundação) foi uma das primeiras escolas infantis a serem implantadas numa área indígena. Por experiência própria, ela teve muita dificuldade por não saber ler e nem entender muito das burocracias com as quais se deparou durante seus debates. Por ter vivenciado tal dificuldade, teve como uma de suas prioridades uma educação que permitisse, além dos conhecimentos locais, a escrita e a leitura nos primeiros anos de ensino das crianças na TI.

Como sabido, enquanto pôde, privilegiou seu *tronco* familiar em diversos setores administrativos, como educação, saúde e no Posto Indígena Pankararu (da Funai) através de contatos estabelecidos durante suas caminhadas políticas. Alguns indígenas locais acreditam que sua ação de beneficiar integrantes de sua família foi pensado como garantia para que eles continuassem residindo nas aldeias da Terra Indígena Pankararu, sem perdê-los para as cidades do Sudeste. A saída dos indígenas pankararu de seu aldeamento para outros estados brasileiros foi frequente desde os anos 1950 a procura de empregos ou mesmo para fugir de conflitos territoriais.

Já nos anos iniciais do século atual (XXI), Quitéria Binga foi ao Canadá – entre outros países – e lá representou os povos indígenas do Brasil. Na ocasião enfatizou a importância da regularização das Terras Indígenas no país, do reconhecimento étnico e da estimativa dos subsídios para as populações indígenas, os

quais o governo tem o compromisso de atender, como exalta a Constituinte.

## O TRONCO BINGA

As aldeias indígenas pankararu são organizadas por grupos de famílias virilicais (patrilineares) e uxovilicais (matrilineares). *A priori* é uma relação complexa e torna-se mais complicada quando um representante do *Tronco* familiar se relaciona com outro representante de mesma posição, pois tal relação pode reconfigurar a referência de seu *Tronco* originário. A estima pelas relações entre os familiares próximos (de um círculo ritual comum) tinha como objetivo manter seus *mistérios*<sup>8</sup> e determinadas práticas rituais num conjunto familiar específico.

O *Tronco* Binga é um dos maiores arranjos familiares da TI Pankararu. *Tronco* dedicado às tradições religiosas e politicamente ativo. A grande referência do *Tronco* desde que se têm informações vem de Serafim Gomes de Sá, conhecido como o *vei Sará*, seguido por seu filho Joaquim Serafim, conhecido como *Sarapó*, o primeiro a receber a patente de pajé de Pankararu. Os maiores grupos familiares desse *Tronco* concentram-se em duas aldeias: Serrinha (os Binga de cima) e Brejo dos Padres (os Binga de baixo) – de baixo porque Antônio Binga fundou seu *tronco* familiar de referência, saindo do espaço familiar do “clã” (MURA, 2013), do patriarca Joaquim Serafim, residente na aldeia Serrinha.<sup>9</sup> Há também grupos menores da família Binga que se encontram em outros estados brasileiros, especialmente nas *Pontas de rama* de Pankararu, no Nordeste e nos estados de São Paulo e Minas Gerais.

Quitéria Binga é integrante dos Binga de baixo. Após casar-se, levantou seu rancho (seu espaço) sem ficar nas dependências do *Tronco* de seu pai, Antônio Binga. Ao formar seu espaço, fundou sua *ponta de rama* Binga uxovilical, onde criou seus filhos, netos e bisnetos. Mesmo que tenha permanecido na aldeia Saco dos Barros, próximo ao *Terreiro* de seu pai, ela teve suas próprias obrigações, que ganharam notoriedade. É importante deixar claro que não é qualquer integrante

8 Expressão usada pelos *Zeladores* ao falarem sobre as sementes dos Encantados.

9 Para uma maior discussão, ver “Todo Mistério tem seu dono” (MURA, C., 2013).

de um *Tronco* familiar que pode fundar uma extensão parental tornando-se uma *ponta de rama* ou uma referência de *tronco* familiar. Para serem reconhecidas pelos próprios familiares e, sobretudo, pela comunidade, as novas *pontas de rama* ou *tronco* de referência familiar têm de possuir um representante que desempenhe atividades rituais e políticas importantes, como a *veia* Quitéria cumpriu. Sua performance fez com que fosse uma da grande liderança feminina não só entre os Pankararu, mas no país.

Há outra *ponta de rama* Binga virilocal na aldeia Brejo dos Padres que, até então, esteve em sua *cabeceira*, João Binga (falecido em 2008). Por décadas foi cacique de Pankararu e representante de grande prestígio religioso e político. Quitéria e seu primo carnal,<sup>10</sup> João Binga, realizaram várias peregrinações na companhia das demais lideranças do *Conselho Tribal*, entre eles, Mané Besouro, Luís Caboco, José Luzia, João Gouveia, João Pinto (aldeia Jitó); Abílio Pedro (aldeia Carrapateira); João Tomaz, Claudio Tomaz, João de Pascoa (aldeia Serrinha); Capitão Antônio Moreno, José Auto (atual cacique de Pankararu, aldeia Brejo dos Padres) e Hilda Bezerra (TI Entre Serra) por longas décadas.

O representante do *Tronco* familiar, ao ganhar destaque, é reconhecido por suas atuações, suas conquistas. O reconhecimento só é possível por existir um círculo político local formado por representantes especiais (o *Conselho Tribal*) que legitimam as ações de outros por estarem em consonância com as entidades sagradas.

## MEMÓRIAS DE UMA GERAÇÃO

Entre 1998-99, com meus 7-8 anos de idade, tive a oportunidade de conhecer Quitéria Binga pela primeira vez. Naquele encontro meu irmão e eu acompanhávamos nosso pai. Lembro que ganhamos brinquedos, que ela tinha aos montes, trazidos de suas viagens feitas às capitais. Não soube e nem procurei saber do que eles conversaram naquela ocasião, mas certamente foi algo relacionado aos projetos destinados aos Pankararu. Depois daquele encontro saberia de quem se tratava, de qual aldeia, de sua extensão, das relações familiares e de sua importância ao ouvir o nome Quitéria Binga.

Mal sabia eu que depois de uma década de meu primeiro contato, em meados do ano de 2009, sob missão das atividades da Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu (CMTVP),<sup>11</sup> voltaria a ter a oportunidade de conhecer parte de sua trajetória de luta, como também de outras lideranças pankararu de sua geração. Naquele momento os pesquisadores indígenas da CMTVP não traçaram um recorte temporal específico, o objetivo era entrevistar lideranças que vivenciaram experiências em suas andanças políticas. Em outros casos pedíamos para alguns parentes daqueles que já não estão nesse mundo material que narrassem as caminhadas políticas durante os processos de homologação e *desintrusão* das Terras Indígenas de Pankararu.

As entrevistas realizadas pela equipe da CMTVP foram fundamentais para salvaguardar “pedaços” de uma memória importante que nos auxiliou a entender parte do processo de formação do aldeamento e da rede de relações existente entre os Pankararu no sertão pernambucano.

Nas falas de cada entrevistado percebemos que havia narrativas que remontam a uma história maior de Pankararu que muitos descendentes desconhecem (como foi o meu caso). Nas entrevistas, especialmente a de Quitéria Binga, houve relatos de experiências pessoais e dos conflitos que tiveram com os sertanejos (fazendeiros e autoridades) da região ao longo de suas caminhadas políticas. Muitas das lembranças daquelas lideranças são de perseguição e afronta por disputarem áreas na Terra Indígena. As narrativas de suas experiências são marcadas pelo orgulho por terem resistido e conseguido concretizar os ideais de seus antepassados que iniciaram as primeiras viagens às capitais para homologar a área indígena.

Numa entrevista feita, em 2009 por Luciano Henrique, na época pesquisador da CMTVP, Quitéria Binga respondeu a uma das questões sobre a relação conflituosa em função das afrontas dos sertanejos não indígenas que vivem nas terras de Pankararu.

**Luciano Henrique: [O] que aconteceu quando os posseiros invadiram a terra aqui [de Pankararu] e quais eram as lideranças nesse tempo? Quitéria Binga: Nesse tempo, as lideranças que lutaram até hoje pelos**

<sup>11</sup> A Casa de Memória do Tronco Velho Pankararu atualmente é um espaço que abriga materiais produzidos sobre os Pankararu ao longo de décadas. Sua sede está localizada no centro da TI.

**terrenos aqui [de Pankararu] e que, se eu não morrer, ainda vou dar uma volta no mundo, foi eu! Antônio meu tinha 22 dias. E eles [os intrusos] foram para a Marrecá<sup>12</sup> para matar eu lá. Aí, eu dizia, se é de matar o “pai”, mata o filho. Eu pegava nos bracinhos de Tõe assim e botava... [abraçava-o em seu peito]. A maior parte [de lideranças] que foram [que já faleceram] só está o Zé de Joaquininho [...]. O Zé de Neco, Abílio de Mariquinha já morreram. Eles [os sertanejos] foram por lá para [me] matar e dizer que eu num passasse pelo Bem-Querer.<sup>13</sup> [...]. Durante um tempo fiquei doente. Fui pra Recife, fiquei 18 dias lá em Recife. Eles [os sertanejos] vinham até ali em Das Dores de Maria José, para irem lá em casa. Aí junta Tio Zé Bomba, junta Tio Gaudêncio [em defesa de sua sobrinha] contra um bocado deles. E ali por casa era arruadiado [cercado] de agaves e eles ficavam ali rudiando [dando voltas] a noite todinha sem dormirem. Aí foram fazer guarnição por lá. Aí eu corri, fui me embora para Recife e de Recife para Brasília. Aí fiquei batalhando, batalhando, batalhando lá pelos terrenos daqui. Aí, quando saiu a demarcação das terras [...] [que deveria ser] da cachoeira, da cachoeira do rio [São Francisco] e pelo Moxotó até cá para cima [referindo em direção ao município de Tacaratu] (Acervo CMTVP, acessado em 2017).**

Quitéria Binga, assim como as demais lideranças de sua geração, por desempenhar o papel de grande autoridade política, tornou-se uma forte ameaça aos interesses econômicos e fundiários daqueles que viviam à expansão de suas propriedades sobre terras indígenas naquela região. Ao longo de suas viagens recebeu diversas intimidações, no entanto, continuou a denunciar e a pleitear por meios legais a *desintrusão*. Por ter batalhado para que os interesses dos sertanejos não fossem adiante, ela se colocou numa zona de perigo constante, como descreveu em sua entrevista.

Os olhares ameaçadores lançados aos indígenas sertanejos são de longa data, embora o ameaçador tenha tido mais fôlego num primeiro momento e tenha se sustentado por ter instrumentos burocráticos agindo em nome do desenvolvimento local, estadual e nacional. Por décadas o olhar ameaçador proibiu algumas

<sup>12</sup> Uma região entre as aldeias indígenas Tapera e Carrapateira, usada para plantio.

<sup>13</sup> Aldeia indígena Pankararu ocupada por mais de 300 famílias de posseiros – sertanejos intrusos.

práticas rituais executadas nos aldeamentos indígenas, como também perseguiu aqueles julgados como índios bravios – levantando a bandeira do nacionalismo, de integração de silvícolas ao projeto nacional. Já o segundo, o olhar do ameaçado, após demarcação e homologação da Terra Indígena Pankararu, com a presença e a atuação do posto (tutelar) administrativo do SPI, atualmente Funai, fez com que as lutas das lideranças ganhassem legitimidade e se organizassem institucionalmente subsidiadas pelas ferramentas burocráticas.

Nas palavras de Quitéria Binga: “eles [os sertanejos] já não tinham tanta força de fazerem nada”, pois estavam perdendo uma grande parte de suas forças, aquelas que outrora eram asseguradas pelas suas próprias leis. Os olhares tornaram-se uma ameaça ambígua tanto para os sertanejos não indígenas quanto para os indígenas sertanejos, pois as desavenças após a homologação se intensificaram com a ordem de *desintrusão* das terras dos Pankararu. Atualmente, os Pankararu contam com apoios institucionais, se organizam politicamente e usam novos métodos para recorrer e pelear contra as ameaças regionais.

Os representantes indígenas de Pankararu ao longo de suas viagens políticas mostraram habilidades singulares que correspondiam e se relacionavam diretamente com os *Encantados* (entidades sobrenaturais que detêm vasto conhecimento místico). A maioria das lideranças é de *Zeladores de Praiá* (“representantes” dos *Encantados* no mundo material) e, para ocupar tal obrigação, é preciso possuir *dons* – habilidades específicas para que possam guiar os Pankararu nas mais diferentes situações.

## UMA MULHER DE DONS

**“O saber morre com seu dono!”**

Dona Terezinha

A primeira vez que ouvi a frase de Dona Terezinha foi quando estava me preparando para prestar o vestibular indígena junto com dois parentes indígenas próximos, Paulo Augusto (*in memoriam*) e Paulo Henrique. Dona Terezinha, avó de Paulo Augusto, nos disse que foi criada ouvindo de sua mãe (madrasta) a frase “o saber morre com seu dono”. E como ouviu, passou aquela frase aos seus filhos, incentivando-os a estudar mesmo com as dificuldades da época. Não havia muito sentido,

<sup>10</sup> Primo de primeiro grau.

pelo menos para mim quando a escutei pela primeira vez, tampouco agora, depois de quase uma década, mas nunca a esqueci. Depois que fiz algumas entrevistas com lideranças, lembrei que meus parentes pankararu sempre falam com frequência em *dom*,<sup>14</sup> mas não sobre o *dom*. Desde então comecei a assentar minhas ideias, e aqui estou numa tentativa de esboçar num horizonte textual aquela frase de quase dez anos atrás. Cabe aqui uma tentativa de interpretar por perceber que a noção de *dom* tem um sentido ligado ao *Saber* para os Pankararu, sabedoria esta que Quitéria Binga exerceu piamente em sua trajetória neste mundo material.

Os Pankararu usam com muita frequência as expressões *dom*<sup>15</sup> e *domo*.<sup>16</sup> É importante não atribuir gênero e sim agências à última expressão como aplicada pelos indígenas. Hoje é possível interpretar aquelas palavras de Dona Terezinha. Guiado pelas ideias iniciais, pude perceber que nem sempre observamos e interpretamos nossas atividades rituais, por exemplo, um *Terreiro de Praiá* tem um *domo* e esse *domo* é um *Encantado*. Esse *Encantado* possui *dons* específicos que são partilhados e manifestados por seus *Zeladores de Praiá*, os quais organizam a vida social e ritual dos Pankararu. As *entidades* sobrenaturais transmitem e regulam os *dons* através de diversas restrições. Para isso as lideranças (geralmente os representantes do *Tronco* familiar) são os responsáveis por manter as obrigações, os tabus e de seguir a *ordem* aplicando o saber indígena.

O conhecimento que se vivencia no Aldeamento Indígena é manifestado de formas e lugares distintos, que são manobrados especialmente pelos *Zeladores de Praiá* (lideranças) que realizam viagens rituais e políticas. Ambas as viagens permitem às lideranças acessar *saberes* e gerenciá-los na vida comunitária. Aqueles que não têm permissão para acessá-la é por não terem merecimento, o *dom*. É bom deixar claro que todos os Pankararu nascem com determinados *dons*, porém é preciso ter a permissão e o auxílio das entidades sobrenaturais para exercê-lo.

Numa tentativa melhor de ilustrar as palavras *dom* e *saber*, descrevo brevemente algumas experiências

praticadas por Quitéria Binga durante sua peregrinação política e religiosa (católica e *tradicional*).<sup>17</sup> Suas habilidades despertaram em muitos indígenas, sobretudo nas mulheres de sua família que atuam na mesma direção, aspirações para seguir nas lutas por melhorias para o povo Pankararu.

Mesmo que seu *saber* tenha mudado de mundo junto com ela, cabe aos indígenas acessá-lo e retomá-lo (em meio às suas lembranças) para seguirem com as peregrinações política e religiosa, pois quanto mais alcançamos e transmitimos o saber, mais conhecimento recebemos por estarmos num processo de reciprocidade material e espiritual. Como muitos *Zeladores de Praiá* dizem, “essa é a *Ciência Pankararu*”, *Ciência* da qual Quitéria Binga se nutriu e viu florescerem seus *dons*.

## DESCREVENDO ALGUNS DE SEUS DONS

O *dom de pegar menino*.<sup>18</sup> Há narrativas de que Quitéria Binga fez alguns de seus próprios partos. Por este motivo, ficou conhecida como “parteira”, mas ela não se considerava parteira tradicional, e sim uma *mulher que pega menino*. Sobre sua atuação como *mulher que pega menino* nas aldeias de Pankararu não há muitos registros que a descrevam. É sabido que as parteiras da comunidade têm métodos singulares para pegar a criança, muitos foram passados por gerações, fazendo com que fosse comum mulheres de determinado *tronco* familiar serem referência em tais práticas. Após a atuação de projetos da Funasa, Funai e das ONGs Saúde Sem Limites (SSL) e Curumim,<sup>19</sup> voltados para a saúde das gestantes, houve algumas capacitações para as mulheres que fazem partos tradicionais na comunidade e demais interessadas, e muitas indígenas ampliaram seus conhecimentos para melhor atuarem em suas respectivas *áreas*. Quitéria Binga acompanhou alguns projetos envolvendo as parteiras indígenas na década de 1990 e nos anos 2000. Algumas capacitações foram conquistas de Quitéria Binga em suas caminhadas em

Brasília e nos encontros com instituições de pesquisa na busca de atenção especial na área de saúde para comunidades indígenas. Atualmente sua sobrinha, Maria das Dores, conhecida na comunidade como Dora, tem *pegado* centenas de crianças nas aldeias de Pankararu. Maria das Dores segue paulatinamente as tradições *tradicional* e católica, assim como as mulheres de sua família.

O *dom* de cantar. Não há dúvida de que ela foi portadora de vários *dons*, entre eles um em especial, como narra numa entrevista feita por Maximiliano Carneiro da Cunha, em 1999.

Aprendi. Rapaz, sofri para aprender. Dormia, quando acordava era cantando. Aquilo já ficava na minha cabeça. É como um sonho e, na hora que a gente for puxar [cantar toante] mesmo para fazer aquele rito daquele trabalho, pedindo a Deus, aquela fala sai da gente... os outros é que vê. A gente não vê o que é que diz nem que faz (Quitéria Binga, 1999, in CUNHA, M. W. C., 1999, p. 95).

Foi naquele momento que ela recebeu a permissão dos *Encantados* para exercer seu *dom* de *cantar Toantes*, e também resguardou sua voz e seu corpo para manifestar as vontades da *Força Encantada*.

A citação anterior mostra como Quitéria Maria de Jesus teve a permissão para desenvolver seu *dom* e *puxar* (cantar) *Toantes*. Só é possível alcançar tal habilidade após muita dedicação, resguardo e fé nas *entidades* sagradas – para utilizar uma expressão local, “naqueles que nos governam e transmitem seus conhecimentos”. Como ela expôs, o sofrimento faz parte do aprendizado, que não é o aprendizado a que estamos habituados através do sistema convencional de ensino. Tanto que a expressão *apanhar* tem um duplo sentido. O primeiro é agarrar e o segundo é *levar uma pisa* (bordoada).

De acordo com as narrativas locais pankararu, os *Toantes* são uma maneira de encantamento utilizado pelos mais velhos da aldeia. Cunha descreve “que o som dos *toantes* vinha de dentro da terra, que ‘cantava’ para aqueles que andavam nas proximidades da extinta cachoeira de Itaparica, considerada pelos Pankararu como a moradia dos *Encantados* e para onde iam as pessoas importantes do grupo que queriam evitar a morte para conseguir o *dom* de se encantar” (CUNHA, 1999, p. 93). Seria a *veia* Quitéria uma dessas pessoas de se encantar na antiga cachoeira?

Entre os Pankararu existem diversas maneiras de acessar os *Toantes*, mas depois da construção da Companhia Hidroelétrica do São Francisco, o meio mais comum tem sido através de sonhos e pelas manifestações naturais. Esta última maneira tem sido a mais recorrente entre os Pankararu que possuem o *dom*. Outro fator é a dificuldade de acesso às regiões específicas por estarem cercadas em áreas que antes eram locais de ritual sagrado. É por este e outros motivos que os líderes indígenas lutam para manter suas áreas sagradas.

O *dom* de liderar. As lideranças indígenas pankararu continuaram suas peregrinações políticas em função da luta pela terra, sobretudo após a reorganização e a implantação do Posto Indígena (SPI). Os Pankararu sempre tiveram sua forma singular de se arranjar, tendo o *vei Sará* na condição de chefe daqueles índios,<sup>20</sup> junto com os *Zeladores de Praiás*, *curandeiras/os* e *rezadores*. Décadas depois os líderes se reuniram e seguiram as *sementes políticas*<sup>21</sup> para dar continuidade às suas caminhadas políticas entre municípios e capitais em busca de possíveis soluções para a *desintrusão*, a homologação e os subsídios, entre outras demandas para a TI Pankararu. As peregrinações realizadas entre as capitais eram formadas numa caravana escolhida pelas *sementes políticas*.

Numa entrevista realizada por Mirna Cruz, Quitéria Binga fala das necessidades do povo e de como eles faziam para organizar suas viagens. Cruz ilustra também como a *veia* Quitéria tomava a iniciativa para que os jovens continuassem na luta.

Mirna Cruz: E como era a maneira de trabalhar dos Serviços? Eles vinham para cá? Faziam reuniões com as lideranças aqui mesmo?

Quitéria: Não, nós é que reuníamos aqui, aí saía pelas casas pedindo uma ajuda, por cinquenta centavos, não tinha nem real, eram cruzeiros, aí ia juntar aquele dinheiro, todo mundo dava, aí nós largávamos no mundo.

M: Quais eram os lugares que vocês iam?

Q: Nós íamos pra Rio de Janeiro, nós íamos pra Brasília, para/ Recife, íamos atrás da melhora aqui para o povo!

20 Segundo a descrição de Carlos Estevão de Oliveira (1942).

21 Os representantes pankararu atuando com as patentes de cacique, pajé e capitão.

14 A noção de *dom* que tentarei descrever como é percebida por nós, Pankararu, é a de um *Saber*, de uma ciência local.

15 *Dom* de cantar, curar, rezar, dançar, lutar, cuidar, de pegar menino etc.

16 *Dono* do Terreiro, do Menino do Rancho, do conhecimento, das serras, das matas, dos animais etc.

17 Tradicional no sentido atribuído pelos próprios Pankararu.

18 Para uma descrição sobre o parto tradicional, corpo e cuidado entre os Pankararu, ver A. C. Giberti (2013). *Nascendo, Encantando e Cuidando: uma etnografia do processo de Nascimento dos Pankararu de Pernambuco*.

19 Teve atuação na década de 1990.

M: Como eram essas reuniões?

Q: [...] A gente ia para ir lutar [...] A gente ia pedir que estava faltando as coisas aqui, que está faltando terra, faltando comida, faltando enxada, machado, foice, feijão para plantar, milho, nós íamos pedir essas coisas. Aí, com o tempo, que eles marcavam de vir, aí chegava (Quitéria, 80 anos, ETMC in CRUZ, M., 2010, p. 60).

Quitéria explicitamente tiene el proyecto de hacer de jóvenes parientes, futuros líderes, dándoles una formación política cuando los llevaba a sus viajes a Brasília. Un tipo de formación, por tanto, que desvía el énfasis de la preparación ritual para el conocimiento de los circuitos de los viajes con ello el dominio de la lógica de la mediación (CRUZ, M., 2010, p. 113).

Em 2009, Quitéria Binga, mesmo numa idade avançada, se mostrou *aperriada* (preocupada) com os interesses ameaçadores presentes na TI Pankararu, preocupada pelas novas lideranças não terem ou não apresentarem a atitude que ela e outras lideranças de sua época dominavam para lidar com a situação. Na entrevista daquele ano, demonstrou um certo desconforto com os jovens representantes. Então, almejava dar uma volta no mundo para pelear, batalhar mais uma vez pela *desintrusão* dos sertanejos não indígenas que estão nas TIs Pankararu. Por ter vivido diversas intimidações, nunca descartou o perigo que existe dentro das aldeias e dos que habitam as margens do rio São Francisco. Sua vontade era fazer com que os posseiros “sumissem na fumaça” (Quitéria s/d). E para que sua vontade fosse realizada, ela deveria dar uma volta ao mundo denunciando e pelejando por garantias legais.

Como bem experienciado por ela, dar volta ao mundo é peregrinar e pelear numa missão que requer dedicação e devoção por um bem comunitário, dar valor ao trabalho de seus antepassados, pois o que está em jogo são nossos lugares de memórias sustentados por muitas gerações. São locais que remontam à história de seu povo e se atualizam na vida diária dos indígenas pankararu.

Quitéria Maria de Jesus completou seu ciclo, deu sua volta nesse mundo, deixando sua marca e parte de seus saberes. Acreditamos que ela continuará a guiar as jovens lideranças que tenham o mesmo propósito. Para muitos é uma grande alegria saber que seus *dons*

tenham aflorado noutros indígenas que pelejam dentro do movimento indígena.



Quitéria Binga à frente dos demais cantadores no ritual do Menino do Rancho.  
Foto: Arruti (1998)

# referências bibliográficas

ARRUTI, J.M.P.A. O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco. In: OLIVEIRA, João P. de (org.). A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa/Laced, 2004.

CRUZ, Mirna Ramos. Cuerpo y Reproducción entre los Pankararu del Nordeste de Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UFBA, 2010.

CUNHA, Maximiliano Carneiro da. A música encantada Pankararu. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, 1999.

GIBERTI, A.C. Nascendo, encantando e cuidando: uma etnografia do processo de nascimento dos Pankararu de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – USP, 2013.

MURA, Claudia. “Todo mistério tem dono!”: ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu. Tese (Doutorado em Antropologia) – PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, 2012.

SANTOS-PANKARARU, B.C. Olhar de volta: percurso formativo e experiência autoetnográfica. Trabalho de conclusão de curso, UFMG, 2017.

Site acessado em julho de 2017 e janeiro de 2018

<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/2478-pernambuco-perde-grande-lideranca-feminina-indigena>